

O POEMA NARRATIVO HERÓI-CÔMICO NO BRASIL: SÉCULO XIX

Geane Silva Ferreira (IC) *, Samuel Carlos Melo (PQ)

geanesilvasma@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus São Miguel do Araguaia

Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a natureza das transformações pelas quais passou o poema narrativo herói-cômico no Brasil, dentro do gênero narrativo, para a mistura estilística e para a “heroicização” do personagem trivial e cotidiano, considerando as modificações culturais, econômicas e políticas operadas no país, mais especificamente, o período que compreende o século XIX. Para isso, este estudo se dividiu em três momentos: estudo conceitual sobre o gênero poema narrativo e seu subgênero, o herói-cômico, a partir da pesquisa em manuais de história da literatura, poéticas, periódicos, artigos científicos e da análise de textos originais do subgênero, disponíveis na biblioteca do câmpus e na internet, levantamento dos poemas narrativos herói-cômicos produzidos no Brasil durante o século XIX e seus dados, no intuito de construir um banco de informações que contenha dados históricos, críticos e formais e, por fim, análise das informações levantadas e cotejo com configurações estabelecidas pelos textos originais do poema herói-cômico. A construção do banco de dados e sua análise ainda estão em andamento.

Palavras-chave: Historiografia literária. Crítica Literária. Poesia brasileira.

Introdução

O poema narrativo é um gênero de longa tradição. As epopeias de Homero (*Ilíada* e *Odisséia*) e Virgílio (*Eneida*) são os primeiros e grandes modelos desse gênero na cultura ocidental. Têm-se como exemplos canônicos em língua portuguesa *Os Lusíadas* (1572), de Camões (1524-1580), *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama (1740-1795) e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão (1722-1784). Apesar da vasta bibliografia sobre cada obra individual desde Aristóteles, é inversamente proporcional a essa longa tradição os estudos específicos do gênero, que inspiram o poema narrativo na literatura brasileira. Destacam-se os trabalhos de João Adolfo Hansen, “Notas sobre o gênero épico” (HANSEN, 2008), e José Batista de Sales, *O poema narrativo no Brasil* (2009)¹.

De acordo com Sales,

¹ Relatório de estágio pós-doutoral apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGRS em Porto Alegre, 2009, ainda não publicado.

O poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico (SALES, 2011).

O poema narrativo épico, a epopeia, objetivava a legitimação de regras, valores e costumes de determinada sociedade, a consolidação de um poder, por meio da narração dos feitos gloriosos de um herói representante de uma coletividade (Odisseu, Enéias, Vasco da Gama).

Dessa forma, a construção desses poemas deveria obedecer a regras rígidas prescritas nos manuais de retórica para que a imitação fosse efetiva. Segundo Aristóteles (1984), os elementos de composição do poema narrativo épico podem ser distribuídos entre *partes de quantidade* e *partes de qualidade*. As *partes de quantidade* são: título; proposição (apresentação das ações grandiosas); invocação (pedido de inspiração a forças espirituais); dedicatória (agradecimento ao financiador da obra); narração (deve ser una, completa); e epílogo (registro do fim). Já as de *qualidade* são: fábula (ações de personagens ilustres, em *ordo artificialis* para distinguir de relatos históricos); costumes e pensamento (relativos às qualidades do herói: bondade (dignidade), propriedade, conformidade (semelhança) e coerência (igualdade)); e elocução (linguagem solene).

Estruturalmente, o poema heróico não contém diferenças em relação ao épico. A diferença está na amplitude do assunto, pois “enquanto o épico se constitui na narração de um fato grandioso e de claro interesse nacional e social (Os Lusíadas, 1572), o poema heróico é a narração de um fato menos grandioso ou de importância e interesse apenas regional, como o Caramuru, de Santa Rita Durão” (SALES, 2009, p. 53). Em ambos, há um herói virtuoso, representante de uma coletividade, e um narrador que se identifica com os feitos desse herói. Já com o poema herói-cômico, essa relação começa a se modificar. Segundo Sales,

O poema herói-cômico talvez possa ser compreendido como gênero em transição entre o período genuinamente clássico e o moderno, a partir da ascensão do romance e a sedimentação dos valores românticos e burgueses. Neste sentido, comprehende-se o hibridismo do herói e do narrador do poema herói-cômico, no qual nota-se a permanência de uma sintaxe elevada, palavras peregrinas e o estilo solene para a narração de ações baixas e de um herói inferior, como se lê n’*O desertor*, de Silva Alvarenga. (SALES, 2009, p. 59).

Apesar de narrar feitos de um anti-herói, fútil, inverso aos grandiosos das epopeias, o poema herói-cômico preserva muitos elementos prescritos para a narração de feitos de um herói grandioso em um poema clássico, no intuito de que no contraste com a matéria fútil narrada chegue-se ao humor e à crítica. De um lado, tem-se um narrador que busca cantar feitos grandiosos, mas, de outro, a matéria narrada é baixa, ridícula, não havendo, portanto, a identificação do narrador com o narrado. No entanto, a presença dos elementos é mantida, o narrador como representante dos valores clássicos e o herói modificado, anti-herói, representante de comportamentos “modernos”.

A origem do poema herói-cômico remonta ao século XVII, no Barroco, que, ao valorizar o virtuosismo verbal, teria contribuído para o desenvolvimento de uma nova espécie de sátira, que mescla em sua forma o burlesco e o épico. Segundo Sales (2009, p. 53), no século XVIII, “(...) o poema herói-cômico adquiriu conteúdo de sátira social, política, ideológica e anticlerical, e serviu como instrumento de classe para a burguesia criticar o governo absolutista dos nobres e a igreja católica, latifundiária e legitimadora da ideologia oficial”. Tem-se, possivelmente, *La secchia repta* (1622), poema do italiano Alessandro Tassoni (1565-1635), como o primeiro texto herói-cômico.

Material e Métodos

O estudo foi dividido em três momentos. Primeiramente, um estudo conceitual sobre o gênero poema narrativo e seu subgênero, o herói-cômico, a partir da

pesquisa em manuais de história da literatura, poéticas, periódicos, artigos científicos e da análise de textos originais do subgênero, disponíveis na biblioteca do câmpus e na internet. Após isso, um levantamento dos poemas narrativos herói-cômicos produzidos no Brasil durante o século XIX e seus dados, construindo um banco de informações que contenha dados históricos, críticos e formais. Por fim, análise das informações levantadas e cotejo com configurações estabelecidas pelos textos originais do poema herói-cômico.

Resultados e Discussão

Os resultados são ainda parciais. Nas pesquisas realizadas em manuais de história da literatura, periódicos e artigos científicos, percebe-se que o único registro de um poema declaradamente herói-cômico é *O Almada* (1875), poema inacabado de Machado de Assis (1839–1908). Composto por oito cantos de estrofes irregulares de versos decassílabos heróicos brancos, narra desentendimento entre um tabelião e o Bispo do Rio de Janeiro por motivos banais e de consequências até jurídicas.

Além dele, destacam-se dois poemas do mesmo período que, apesar de não se enquadarem na estrutura dos poemas herói-cômicos, chamam a atenção pelo tom satírico e paródico: “O elixir do pajé” e “A origem do mênstruo”, ambos de 1875, de Bernardo Guimarães. “O elixir do pajé” é constituído de 207 versos distribuídos em 23 estrofes irregulares, cujos esquemas rítmicos variam entre os metros redondilha maior, redondilha menor e decassílabos, com vários esquemas de rimas e narra a história de um *eu lírico* que sofre com problemas de ereção, mas que está entusiasmado com as maravilhas terapêuticas do elixir de um desconhecido pajé. “A origem do mênstruo” é composto de 160 versos. São 40 quadras de versos heterométricos, em que há alternância entre hexassílabos e decassílabos heroicos e narra a origem da menstruação, atribuída a “travessura” de uma ninfa que ao pregar um susto na deusa Vênus, fez com que ela se ferisse com uma navalha.

Considerações Finais

No século XIX, é possível observar que os poemas narrativos, diante do contexto histórico, carregam diversas transformações nos elementos que compõem

suas estruturas. Essas transformações, que, por vezes, dialogam com os elementos obrigatórios prescritos nos códigos clássicos, engendram efeitos de sentido singulares. Consequentemente, o poema narrativo herói-cômico também passa por essas transformações, o que torna seu estudo de grande relevância para a compreensão das configurações estéticas do século, especialmente em relação ao estatuto do herói.

Agradecimentos

Ao Câmpus São Miguel do Araguaia da UEG pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. In: Aristóteles II. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção OS PENSADORES, vol. VI.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Épicos. (Prosopopéia, O Uraguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios, I Juca Pirama)*. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial. 2008.

MELO, Samuel Carlos Melo. *O poema narrativo no Brasil*. Do período colonial ao realismo. Relatório final de iniciação científica. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq. Três Lagoas, 2008.

SALES, José Batista de. *O poema narrativo no Brasil*. Das origens a Mario de Andrade. Relatório de estágio pós-doutoral. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGRS. Porto Alegre, 2009.